



**UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

O MUSEU COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA.

CRATO/CEARÁ

2021

CICERA IDEVANIA MONTEIRO SANTOS

O MUSEU COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Regional do Cariri, como requisito parcial à obtenção da Licenciatura em História.

Prof. Ms. Orientadora: Maria Arleilma Ferreira de Sousa

CRATO/CEARÁ

2021

CICERA IDEVANIA MONTEIRO SANTOS

O MUSEU COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Aprovado em: __/__/2021.

BANCA EXAMINADORA

Ms. Maria Arleilma Ferreira de Sousa (Orientadora)
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Dra. Rúbia Micheline Moreira Cavalcanti (Prof. da disciplina)
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Ms. Mônica Emanuela Nunes Maia (Prof. examinadora)
Universidade Regional do Cariri (URCA)

O MUSEU COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o museu como uma ferramenta de auxílio no Ensino de História, refletindo esse espaço como um lugar de aprendizagem fora dos muros da escola. Diante disso, utilizarei a Fundação Memorial Pe. Cícero como campo de pesquisa, buscarei mostrar possibilidades de aproximação dos alunos as fontes históricas como: objetos e documentos que fazem parte da historiografia de Juazeiro e evidenciam a figura do Padre Cícero (fundador e líder político e religioso da cidade). Assim, o professor poderá desenvolver metodologias e estratégias que permitam aos alunos criarem análises acerca dos processos de organização, guarda e preservação desses lugares dedicados a memória. Portanto, é essencial que ele haja dentro de suas possibilidades, para que o processo não deixe de inserir a todos. Fazendo com que haja ganhos significativos para o aprendizado.

Palavras-chave: Ensino de História. Escola. Memorial Pe. Cícero. Memória.

ABSTRACT

The present work aims to present the museum as an aid tool in the teaching of history, reflecting this space as a place of learning outside the walls of the school. Therefore, I will use the Memorial Foundation Fr. Cícero as a field of research, I will seek to show possibilities of approximation of students as historical sources such as: objects and documents that are part of the historiography of Juazeiro and show the figure of Father Cícero (founder and political leader and city). Thus, the teacher will be able to develop methodologies and strategies that follow the students to create analyzes about the processes of organization, storage and preservation of these places dedicated to memory. Therefore, it is essential that it exists within its possibilities, so that the process does not fail to insert everyone. Making gain for learning.

Keywords: History teaching. School. Memorial Fr. Cícero. Memory.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo mostrar a relação entre o ensino de história e a museologia como um campo de aprendizagem para os alunos do ensino Fundamental e Médio, apresentando métodos que podem auxiliar os professores a desenvolverem uma visita que desperte no aluno uma reflexão acerca dos espaços de memória, e que contribua na construção de um olhar crítico em torno dos objetos preservados pelos museus, unindo a uma perspectiva ampla do lugar e espaço em que esteve inserido cada um. O trabalho apresenta também algumas estratégias que podem ser utilizadas pelo professor servindo de auxílio no seu planejamento de visita ao museu, entretanto é essencial destacar que cada museu, e centros de documentação possuem logísticas diferentes para receber seus visitantes. É aconselhável que o educador desenvolva métodos bem elaborados, posto isso, facilitara uma maior compreensão do discente,

mostrando como os locais que preservam a memória também são espaços educativos e que desenvolvem no aluno um olhar problematizador.

A pesquisa tem como relevância buscar ampliar uma visão sobre o espaço do museu para além de um lugar que guarda “coisas velhas”, uma ideia ainda bastante comum na sociedade em geral. Diante de diversas finalidades do museu, destaca-se como um local que guarda, conserva e expõe vivências de uma época, retrata a cultura e a historiografia de um lugar. Assim, se desenvolve em trazer a importância da educação patrimonial, que faz parte das experiências das comunidades. Para compreender melhor, utilizei o Memorial Pe. Cícero como campo de pesquisa, a partir disto, foram analisados jornais de 1984 e 1988, esses jornais estão acondicionados no acervo do Memorial, um livro publicado em 2018 sobre a historiografia do local, este livro faz parte do projeto memória institucional, da Secretaria de Cultura de Juazeiro do Norte, este exemplar também está na biblioteca da instituição. Por fim, durante o estágio supervisionado II, realizado nos espaços de museus, pude fazer observação, realizar oficinas com as turmas das escolas que visitavam o memorial, participar de eventos e cursos.

A pesquisa foi desenvolvida dentro de um estudo de campo, onde realizei meu estágio durante dois meses, entre agosto e outubro de 2019, os métodos utilizados para a realização desta pesquisa foram, a observação, e o trabalho de leitura das fontes documentais. A fundação Memorial Pe. Cícero recebe diversos grupos de visitantes, mas dei ênfase apenas para a visitação das escolas, focando no ensino de História.

A questão da educação nos museus é uma importante ferramenta para o professor, pois nesses espaços podem ser abordados diversos aspectos que ajudam a compreender o mundo contemporâneo em que seus alunos se encontram, e refletem questões sociais, políticas e demandas do presente que se constituíram no passado. Como embasamento destaco dois relevantes conceitos para a pesquisa. O primeiro é o conceito de memória, para LE GOFF (2001) cada época fabrica mentalmente a sua representação do passado histórico. Sendo assim, os espaços de memória são recriações de um passado inteiramente reconstruído. O autor segue caracterizando “história-desejo” e uma “história ficção”, diante de uma “história coletiva” e a “história dos historiadores”. Os espaços dos museus são lugares de memória selecionadas, adiante ele ressalta que essa memória tem como propriedade conservar certas informações, que remetem em primeiro lugar um conjunto de funções psíquicas, graças aos quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou como ele representa como passado. Os

museus seguindo esses fatores destacados pelo autor, se caracterizam como locais de memória coletiva, sendo assim carregam variadas significações.

O Memorial como um lugar que abriga a historiografia de Juazeiro e principalmente de Padre Cícero, fundador da cidade, uma figura importante e sacralizada para os seus devotos, se encaixa no que LE GOFF(2001) descreve, que a memória assim como os documentos coletivos, são também instrumentos e objetos de poder, evidentemente esses mecanismos de controle dessa memória criam o interesse daqueles que o selecionam, assim, o passado vai se reconstruindo no meio das criações de memórias selecionadas.

O segundo conceito é o de consciência histórica, RÜSEN (2001) discute que em suma “as operações mentais” com as quais os homens interpretam suas experiências da evolução temporal de seu mundo e de si mesmo, de forma que tal possam orientar intencionalmente sua vida prática no tempo. Diante disso, podemos compreender a consciência histórica como os homens interpretam suas experiências de vida, ligados a uma narrativa histórica do tempo, nesse contexto entende-se que o tempo segue linhas de compreensão que destacam a necessidade do ser humano criar uma ordem temporal diante de suas atividades cotidianas e suas mudanças. Segundo ele essa consciência é um fenômeno do mundo vital e refere-se a mudanças temporais da vida e do mundo. Assim, o homem é um ser de questionamentos e respostas.

O texto do artigo está dividido em três perspectivas, a primeira vai dialogar com a historicidade da Fundação Memorial Pe. Cícero, para este tópico foram utilizados os jornais e o livro que destacam a construção e a inauguração do museu. O segundo tópico irá ressaltar a relação ensino e museu, mostrando as ações educativas presentes nos espaços de memória, ações essas voltadas para o ensino de História, essas práticas que se sucederam no campo de pesquisa. O último tópico vai retratar a ligação aluno e lugares de memória, neste sentido, é importante que estes indivíduos que pertencem, e exercem funções nos seus meios sociais se sintam parte de uma história, e seja um sujeito ativo nela, esses elementos podem fazer uma aproximação das fontes com o aluno, assim facilita que o professor de História mostre de forma didática o trabalho do historiador. Logo, o papel fundamental aqui é, entender a importância dos espaços de museu como um lugar educativo que auxilia no processo de aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens.

Por fim, para entendermos a importância dos museus para o ensino de História e o uso da memória, iremos perceber que o uso das peças dos museus e os métodos dos trabalhos realizados, como organização e preservação das peças, e o interesse em manter a “memória

viva”, e a importância do passado das peças para o ensino, são formas de auxílio para se construir um conhecimento histórico.

A CONSTRUÇÃO E A INAUGURAÇÃO DA FUNDAÇÃO MEMORIAL PE. CÍCERO

Como resultado da necessidade de construir um local que evidenciasse tanto a historiografia de Juazeiro quanto a de Padre Cícero, surge como interesse a realização de uma das obras mais importantes, a construção de um espaço público, que pudesse “eternizar a memória”. Em um discurso proferido pelo então governador Gonzaga Mota feito em comemoração ao cinquentenário de morte do Padre Cícero no dia 20 de julho de 1984, onde ocorreu o lançamento da pedra fundamental da grande obra. O governador assumiu o compromisso de construir um espaço voltado para a preservação da história da cidade e a memória de seu patriarca, em uso da frase: “como uma demonstração de amizade e do respeito que devotam ao santo do Nordeste”¹

Dois anos após essa cerimônia o então prefeito de Juazeiro Manoel Salviano encarregou-se de buscar recursos Federais em conjunto ao Estado para que desse início a construção do Memorial. Como primeiros procedimentos, foram feitos estudos no local onde a obra seria realizada. O engenheiro Edmundo Sá Filho e o secretário de obras se reuniram com uma equipe para dá início os primeiros trabalhos, que seria demolir alguns prédios que existiam no local escolhido para a execução. Diante da completa desobstrução do terreno pôde-se começar a construção. O projeto do Memorial Pe. Cícero foi elaborado pela empresa Sergen Engenharia a mesma responsável pelo Memorial JK em Brasília.

O jornal 24 de março, edição de 18 de agosto de 1984, nº 10, já anunciava como viria a ser a estrutura do museu, construído quatro anos depois.

“O Memorial padre Cícero, abrigará a mística e parte da história do Nordeste. Será erguido entre as praças do Socorro e cinquentenário. Composto por ambientes que convidem à meditação e do conhecimento das realizações do padre Cícero Romão Batista, o Memorial abrigará um monumento composto de três pirâmides de concreto, símbolo de vida, representando os três polos do vale do cariri: Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. Apoiadas sobre triângulos gramado que inscreve no seu ponto de convergências um espelho d’água, sustentam no seu ponto central uma pira, completando a união dos elementos da natureza: terra, água e fogo”²

O Memorial foi construído na praça do cinquentenário no Largo da Capela do Socorro, onde se encontra o túmulo do patriarca da cidade, um dos fatores que influenciou a escolha do

¹ Memorial Pe. Cícero, pe CRB, Rj, p, 183 doc. 1829

² Jornal 24 de março-CE, N°10, 18 agosto de 1984.

local para sua realização. Considerada na época um importante marco no progresso da cidade, o lugar viria a ser um espaço voltado para pesquisas acadêmicas, e para que os visitantes pudessem encontrar objetos que pertenceram ao Padre Cícero. A construção do Memorial Pe. Cícero, não foi um evento isolado na região do Cariri, as notícias que o trazia como destaque circulavam na cidade de Fortaleza, e em quase todas regiões do País. Estavam presentes em matérias do Diário de Pernambuco, Estado de Minas, jornais do Estado do Ceará e do Distrito Federal (como o Correio de Brasília). O espaço vinha sempre apresentado com um ar de muito entusiasmo, pois tratava-se de um local que pudesse abrigar registro da história de Juazeiro e aproximasse os visitantes das atuações do Padre Cícero. Como relata esse recorte de jornal: *“Monumento de fé religiosa de grande significação ao incremento do turismo na região. Compostos de ambientes que convidem à meditação e do conhecimento das realizações do padre Cícero Romão Batista”*³

O local seria construído para atender a população e os visitantes que se interessassem em conhecer a história local, e um importante ponto turístico. Além de atender a esses fatores é preciso compreender os objetivos, finalidades e organização, no que se refere um centro de documentação como o memorial em sua importância acadêmica e historiográfica em preservação do seu acervo. Assim, o Memorial Pe. Cícero é responsável em sua estrutura por manter um rico acervo, e é responsável por desempenhar um papel em guardar e organizar, finalidade e procedimentos técnicos de preservação. Para compreender em geral como funciona um museu é necessário conhecer sua organicidade e características.

Conjunto de documentos que, independentemente da natureza ou do suporte, são reunidos por acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas”. “à entidade administrativa responsável pela custódia, pelo tratamento documental e pela utilização dos arquivos sob jurisdição. (BELLOTTO & CAMARGO, 1996, p. 5)

É importante entender todo esse espaço como uma instituição que cumpre uma participação ativa em preservar a memória, e oferecer aos pesquisadores um lugar adequado, e também aos seus visitantes uma logística de exposição, para que ele possa entender o objetivo do acervo. Juazeiro e o Padre Cícero já foram temas de muitas pesquisas e inúmeros livros escritos e publicados, o que desperta a curiosidade de vários visitantes que buscam nesse espaço compreender um pouco dessa história.

³ Memorial Pe. Cícero, pe CRB, Rj, p, 183 doc. 1829

A expectativa da construção podia ser notada não só na região do Cariri. Diante das festividades que sucederam a inauguração, que contou com a presença estimada de 20 mil espectadores, dentre eles a população de Juazeiro do Norte, e de outras Regiões do Ceará e do Nordeste. Estavam presentes as três esferas do poder executivo do Brasil, o Presidente José Sarney, o Governador Tasso Jereissati e o Prefeito de Juazeiro Manoel Salviano. Também estavam presentes, a esposa do Presidente Marly Sarney, Ministros, líderes da bancada do Estado, e alguns prefeitos da região do Cariri. O jornal Diário de Pernambuco na sua edição de 21 de julho de 1988, publicado na cidade de Recife, ressalta a solenidade da inauguração que iria acontecer no dia seguinte, o jornal também descreve a estrutura do espaço e traz a fala do secretário de cultura e turismo de Juazeiro, Abraão Batista.

“O memorial Padre Cícero, arrojada construção, que envolve, em forma de tartaruga estilizado em concreto armado, uma área de vinte cinco metros quadrados, será inaugurado amanhã, em meio a grande festa e diante de milhares de peregrinos que acorrem, todos os anos nesta data, a um dos mais importantes centros de devoção do Ceará, perpassava até mesmo do Nordeste, um evento de grande magnitude que trouxe ao Juazeiro o Presidente e Ministros. A estrutura do espaço era descrita de forma fascinante, trazendo para a imaginação de quem lê-se o jornal, a curiosidade de conhecer aquele lugar. Construído a partir de avançada concepções arquitetônicas, o gigantesco memorial reúne, em seu esplêndido interior, objetos e documentos ligados a vida do padre Cícero Romão Batista, destacando-se nesse acervo, mais de cento e sessenta livros, já escritos sobre o líder religioso do Cariri cearense. Dentro dele – observa ainda o secretário de cultura e turismo de Juazeiro do Norte – a antropologia e a política fervem aos olhos vivos. Na sua cobertura interagem, como um encantamento, a psicologia, a sociologia e a religiosidade popular. Com essa iniciativa, os cearenses resgatam a memória do Padre Cícero, preservando importantes aspectos da história social do Nordeste, segundo explica a Prefeitura de Juazeiro, patrocinou a sua construção”⁴

O Memorial Pe. Cícero foi inaugurado em 22 de julho de 1988, mesmo dia em que se comemora a emancipação de Juazeiro, sua construção foi uma das mais aguardadas da época. Desde do ano que se pensou em realizar, quando se efetivou a construção da obra, o Memorial não deixa de ser um importante centro de documentação presente em Juazeiro. O papel que exerce é fundamental para o sentido da sua existência, seja no meio acadêmico, seja a visitação das escolas, para os romeiros, ou seja o Memoria atende um público diverso. Inaugurado em 1988, a missão do Memorial se firma na sua idealização de um complexo centro de documentação e um importante local turístico. É importante ressaltar que esse espaço carrega diversos significados um desses é, a visão sagrada pelos devotos de Padre Cícero. Isso se dá pela forma de como Juazeiro ganha um imaginário que se concretiza nas pessoas.

Nenhum espaço pode ser visto como um “cenário” onde se desenrolam os acontecimentos. Qualquer tessitura urbana ganha formas e sentidos nas experiências sociais, no viver de quem sente o traçado das ruas, praças e edificações, nas

⁴ Diário de Pernambuco-PE, N° 16 21 de julho de 1988.

construções e destruições promovidas pelo poder público ou pela ação (voluntária ou não) dos habitantes. A cidade se faz e se desfaz nos movimentos da história vivida e desejada. Assim, fica claro que “Juazeiro” não é simplesmente a “delimitação geográfica” do tema, não é um mero “cenário” onde acontecem as romarias. Na perspectiva aqui adotada, Juazeiro é um objeto de estudo que será focado como construção histórica, que se compõe das mais variadas experiências dos devotos. Em outros termos: não se trata propriamente de uma análise em torno da religiosidade que acontece sobre o chão de um centro urbano. Antes de tudo, trata-se de uma abordagem que procura enxergar a religiosidade que está no espaço, que é espaço, que existe nas vivências que se concretizam no e pelo espaço. (RAMOS, 2014, p. 18).

O Memorial é uma parte desses espaços, e atua como um portal de conhecimento do Padre Cícero, o romeiro sente essa ligação, mesmo que ele tenha um conhecimento do objetivo que o espaço tem sempre vão encontrar uma forma de representar sua fé, principalmente em um lugar que guarda objetos que pertenceram ao uso pessoal do Padre Cícero.

A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que ou trás gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisa mente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. (CHOAY, 1925, p.18)

Ao compreendermos todas as finalidades que o museu carrega diante de sua estrutura e sua importância para o lugar que ele está inserido, percebemos que o museu desenvolve um papel multidisciplinar, assim, as ações educativas estão presentes e fazem parte dos processos de aprendizagem, unindo escola e museu. O espaço educativo que o memorial possui é refletido na organização de sua estrutura e suas práticas desenvolvidas em conjunto com as escolas municipais.

compreender a ação museológica como ação educativa significa, então caracterizá-la como ação de comunicação, porque é buscando as interfaces das ações de pesquisa, preservação e comunicação que conseguimos nos distanciar da compartimentalização das disciplinas e, ao mesmo tempo, realizar, na troca, no diálogo, na interação com nossos pares e com os demais sujeitos sociais envolvidos nos diversos projetos nos quais estejamos atuando, estabelecer metas e objetivos que não se esgotam na aplicação da técnica isolada, descontextualizada, evitando a dissociação entre os meios e o fim. Portanto, considero que o processo museológico é um processo educativo e de comunicação, capaz de contribuir para que o cidadão possa ver a realidade e expressar essa realidade, qualificada como patrimônio cultural, expressar-se e transformar a realidade. Nesse sentido, o processo museológico é ação educativa e de comunicação. Assim. Definimos o fato museal como a qualificação da cultura em um processo interativo de ações de pesquisa, preservação e comunicação, objetivando a construção e uma nova prática social. (SANTOS, 2008, p. 137).

Os museus fazem parte de um patrimônio cultural que possuem tanto o lado material e imaterial que fazem parte da construção de uma identidade de um povo, e é exatamente neste ponto que as experiências obtidas nesses espaços serão um reflexo das vivências de cada indivíduo pertencente desse lugar.

O monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo. O monumento histórico relaciona-se de forma diferente com a memória viva e com a duração. Ou ele é simplesmente constituído em objeto de saber e integrado numa concepção linear do tempo neste caso, seu valor cognitivo relega-o inexoravelmente ao passado. (CHOAY, 1925, p.26)

É impossível ver o Memorial e não o assimilar a um lugar que além de preservar a memória da cidade de Juazeiro e do Cariri, ainda faz parte da construção e conservação da memória de um povo. Os objetos materiais do Memorial (aqueles ao qual podemos tocar), se tornam além de concretos pelo toque, também fazem parte da história, da cultura e da mentalidade de um povo. O lado imaterial (aquilo ao qual não se pode tocar) que ele carrega é ainda mais significativo, justamente nas expressões de fé que são atribuídas através dos devotos de Padre Cicero.

“Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial”⁵

Os significados que os museus refletem vão sendo caracterizados por quem visita seus espaços, cada percepção do lugar vai ganhando formas, cada indivíduo vai construindo um olhar próprio que perpassa suas concepções acerca de sua identidade.

AS AÇÕES EDUCATIVAS NOS MUSEUS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Como já relatado anteriormente o Memorial Pe. Cícero recebe um público variado de pessoas, mas irei apenas abordar as ações educativas que a Fundação exerce no âmbito da esfera educacional na região do Cariri. Durante a observação que ocorreu nos dois meses já citados, cerca de 4 escolas trouxeram suas turmas para visitarem o Memorial. Três delas do ensino fundamental, 6º, 7º e 9º ano, e uma do ensino médio, 3º ano. O interesse comum era aproximar os alunos a conhecerem as peças do museu e a historiografia de cada uma. A mediação do local

⁵ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> acessado em 14 de abril de 2021

é feita por três historiadores que são responsáveis em acompanhar os visitantes, e prestarem todas as informações em relação aos objetos, a estrutura do museu e sua finalidade.

Podemos então perceber que as experiências que as turmas adquiriram foram extensas, diante disso, o papel do professor é, buscar selecionar aquelas que atenderam seus objetivos. Os museus são campos de conhecimento que trazem diversos recursos para transformar uma aula de História. Desse modo, o professor é responsável por fazer com que os alunos despertem seu olhar crítico as peças, uma importante ferramenta que ele pode utilizar é, após a visita desenvolver uma aula em forma de roda de conversa dando aos alunos a liberdade de expressar sua opinião acerca de suas experiências individuais.

Ao ter clareza sobre sua posição educativa, que passa pela pesquisa do acervo, montagem de exposição fundamentadas e atividades com as escolas, os museus tornam-se mais didáticos, mais provocativos e lúdicos, criando um condições para um relacionamento mais profundo com o variado espectro dos outros visitantes. Não se trata de promover ou reafirmar uma “escolarização” dos museus, e sim de estudar a multiplicidades de papéis educativos que pode ser assumida pelo espaço museológico (RAMOS, 2004, p.13).

Os museus estão visivelmente ligados ao ensino, e perpassam o campo da História, dentro dos seus espaços podem se discutir uma infinidade de áreas do conhecimento. O diálogo com a História está intimamente ligado ao uso das fontes, uma das formas que o professor pode usar em sua aula e ampliar o aprendizado. Além de compartilhar o conhecimento e trocar saberes com os alunos, o professor de História mediará o diálogo acerca do papel dessas fontes para a composição dos conteúdos ministrados por ele.

Refletir um espaço de conhecimento como o Memorial Pe. Cícero a um lugar de aprendizado que une conhecimentos diversos, é uma ponte para o aluno se reconhecer como um sujeito histórico, e como ser humano ele produz história, e é protagonista dela, essa visão renovada da percepção do aluno no processo de aprendizado muda completamente a forma de aprender a conviver em sociedade e a modifica-la. Além de despertar nele uma outra visão acerca do próprio Padre Cícero, entender suas ações inovadoras, suas ligações de poder, suas estratégias políticas que foram fundamentais na construção de Juazeiro como uma metrópole no interior do Cariri.

O aluno é o objetivo principal, ele quem faz a construção do conhecimento funcionar de maneira efetiva. O professor como um mediador transmite uma cadeia de diálogos e metodologias que irão ampliar o conhecimento já estabelecido pelo aluno, esse primeiro processo pode ser percebido na abordagem já definida no museu.

Mas, aqui, não se pretende pensar sobre o caráter educativo do museu no sentido geral. As intenções limitam-se a uma abordagem introdutória sobre certas implicações entre o museu histórico e o ensino de história. Não é um “guia” para o professor, monitor ou visitantes do museu, mas o encadeamento de algumas questões sobre meios para se pensar a íntima relação entre o espaço museológico e o saber histórico na sala de aula, ou em outros territórios onde a reflexão sobre a nossa historicidade pode se fazer presente. (RAMOS, 2004, p.14).

Ao professor cabe o papel de reflexão do museu para o espaço escolar, introduzir no aluno a capacidade de reconhecer isso, a visita não pode apenas ser um passeio, precisa ter uma função ampla das ligações históricas, e o aluno precisa estar ciente disso desde a sua saída da escola para o museu. O processo de aprendizado ocorre em sala e se expande dentro do espaço de memória, o aluno se conecta com o processo ativo e se torna rapidamente o protagonista. Assim a História vai deixando de anular os agentes, e os tornando sujeitos efetivos das ações do tempo presente.

[...] a consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não – ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto com a intencionalidade da vida prática dos homens. A consciência histórica enraíza-se, pois, na historicidade intrínseca a própria vida humana prática. Essa historicidade consiste no fato de que os homens, no diálogo com a natureza, com os demais homens e consigo mesmos, acerca do que sejam eles próprios e seu mundo, tem metas que vão além do que é o caso [...] (RÜSEN, 2001, p. 78).

Ao aluno cabe recriar suas concepções, a sua imaginação pode construir vários saberes históricos e não é proibido que ele faça isso, o olhar individual parte das experiências de cada pessoa. No museu pode haver objetos que de certa forma captam o olhar, e outros que vão passar despercebidos pelos alunos, isso remete a um processo de seleção que parte da percepção do aluno, e ele precisa estar livre para selecionar o que ele pretende analisar. Ao unir os alunos em uma roda de conversa sobre a visita, o professor vai estar criando um sentido e mediando todos os objetos selecionados pelos alunos, cabe a ele despertar um olhar amplo do aluno e que o aluno se mostre como um ser que estipula suas respostas.

Durante a observação no museu pude entender que cada indivíduo que vivenciou a experiência da visita levou consigo diversas inquietações. Diante disso, para Rüsen (2001) a consciência histórica não é um privilégio de indivíduos capazes de pensar a História, mas algo inerente a todo ser humano.

Tanto as turmas do ensino fundamental quanto médio a experiência de visita e o contato com os objetos do Memorial foram completamente diferentes, desta forma coube ao professor levar em consideração a faixa etária de cada turma, as formas de apresentação também aconteceram de formas diferentes. No ensino fundamental é importante que se trabalhe o lado

lúdico do museu, é necessário seguir um plano que capte a imaginação do aluno através das peças. O aluno do ensino médio detém um olhar um pouco mais problematizador, e usa de uma seleção objetiva de reflexão. O professor precisa estar ciente disso e construir maneiras de satisfazer o aluno, transmitindo o espaço histórico ao uso das fontes.

Nesse curso, uma das questões colocadas é a necessidade de compor visitas temáticas. Argumenta-se que é muito improdutivo percorrer as salas de museu sem fazer delimitações para privilegiar certos aspectos. Depois é trabalhada a ideia de construir problemáticas a parte do tema, desenvolvendo na sala de aula indagação específicas sobre as peças em exposição. Além de oferecer possibilidades para despertar o interesse da turma, as perguntas que devem fazer parte do que está sendo ensinado procuram ampliar a própria noção de história na medida em que se introduzem os questionamentos sobre complexidade da nossa inserção nos processos históricos (RAMOS, 2004, p.25)

O aluno deve estar acentuado no centro dessas problemáticas e o professor tem que dar as possibilidades para que o estudante possa criar suas próprias perguntas acerca das peças, neste processo ele tem que ser o principal fundamentador de suas questões. O mediador vai se atentar a lhe mostrar apenas os caminhos. Para que o aluno tenha essa concepção ele precisa ter sido estimulado, precisa estar por dentro das questões que permeiam todos os processos históricos, e assim (RAMOS, 2004) ressalta que cabe ao aluno concluir sua própria noção de História.

Existem pelo menos três fatores que se devem levar em consideração para que a ida dos alunos ao museu possa trazer para eles um aprendizado, e uma reflexão bem mais efetiva. A primeira parte do processo de conhecimento, surge ainda em sala de aula, é necessário que o professor prepare o aluno. Deve-se anteriormente pensar uma aula sobre o museu que se pretende visitar, como exemplo disso, o professor poderá ressaltar a história do lugar, é importante que ele conheça anteriormente como foi construído o local (Memorial), como se sucedeu esse processo até os dias atuais, qual tipo de peças e documentos se preserva, como se dá o processo de organização e principalmente a sua finalidade, por isso é interessante que o professor vá ao museu sozinho, antes de levar os alunos, para que ele retenha esses conhecimentos, e ter uma logística de como acontecerá a visita, é necessário criar um roteiro levando em consideração fatores extras que possam ocorrer no dia da visitação. É essencial que os alunos tenham um conhecimento prévio sobre o espaço.

O segundo fator é, que o professor deixe explícito o que ele pretende alcançar com aquela visitação ao museu, é importante dá ao aluno uma certa liberdade para compreender as peças sem se preocupar com algum processo avaliativo, assim o aluno tem a liberdade de explorar o local e expor a sua curiosidade. O terceiro fator é, se o museu tem profissionais

capacitados para as mediações, como na Fundação Memorial Pe. Cícero como já dito aqui anteriormente, há três profissionais responsáveis pela mediação, mas o professor precisa lidar com imprevisto, e caso no dia da visita não estejam disponíveis para a mediação o professor será responsável por manter os alunos em grupo, e ele mesmo será responsável por explicar as peças para os alunos, sempre despertando neles um olhar crítico, assim o aluno vai refletir o tempo, e a que lugar de experiência pertenceu cada objeto.

Lembrando que estas formas de processo de aprendizado, não é uma regra que se aplica a todas as propostas de visita, vai depender de cada espaço escolar e a cada turma de ensino fundamental ou médio, e principalmente ao museu que se pretende visitar.

O aluno precisa relacionar um novo conhecimento a proposições e conceitos relevantes em sua estrutura cognitiva para desenvolver a aprendizagem, ou seja, que já existam com uma mínima noção de clareza, estabilidade e diferenciação. Evidentemente, o professor e seus materiais pedagógicos, como mediadores da aprendizagem, precisam estar articulados com a natureza deste empreendimento educacional: os professores adotando uma postura interacionista e os materiais de aprendizagem sendo potencialmente significativos. (DAHER, 2007, p.1).

Os processos de aprendizagem são um campo muito complexo, definir formas de ensinar e aprender, não é algo simples. O que se pode desenvolver são caminhos que tornem esse processo efetivo e que dê bons resultados. Tudo perpassa pelos alunos, como já estabelecido anteriormente, ele é o principal objetivo nesse processo, e em segundo está os professores com suas metodologias que facilitam o desenvolvimento do conhecimento compartilhado.

O Memorial organiza seu acervo com uma dinâmica bem distribuída, seus objetivos de exposição estão muito ligados ao seu público. Durante o estágio no museu conheci as peças mais procuradas pelos visitantes, daí a importância que ele crie um roteiro justamente se serão visitados mais de um local. Assim, estratégias de um roteiro bem organizado podem auxiliá-lo na hora de expor a historicidade de cada local.

Um opção interessante e uma ferramenta educativa que podem ser consideradas, seria uma aula em forma de oficina, onde os alunos produzam seus próprios objetos, ou até mesmo tragam objetos que fazem parte do seu dia a dia, ou que está presente anos na família. Isto pode unir o aluno a uma vivência aproximada com o museu, traz uma sensibilidade em torno de cada peça, um exemplo disto é entender que aqueles objetos confeccionados ou trazidos do meio familiar, tem um significado assim com as peças de museu, por que contam uma memória individual ou coletiva de um grupo social ou de alguém.

Outro exemplo são as peças individuais de cada aluno que possui um significado para ele, assim, o mediador da oficina pode fazer uma alusão das peças individuais, com as peças de uso pessoal do Pe. Cícero preservadas no Memorial que tem um significado extremamente simbólico no imaginário social, então ele irar entender como as peças do Padre Cícero ganharam esses significados, então o professor através dessa problematização apresentará a historiografia de Juazeiro e como foi se formando esse imaginário na sociedade.

A partir dessa compreensão realizei uma outra oficina em dupla com um colega de curso, a oficina foi elaborada inicialmente, com uma introdução sobre a importância dos objetos históricos, e uma explanação sobre a história do jornal no Brasil nos anos de 1801 em São Paulo. Depois conhecemos os objetos do Memorial Pe. Cícero, onde dividimos em equipes de 4 alunos (turma do 5º ano do ensino fundamental), cada uma formada por 7, onde eles foram responsáveis por fazerem narrativas envolvendo os objetos do acervo do memorial, após a construção dessas narrativas cada equipe teve um espaço para apresentar.

Os objetivos dessas oficinas é aproximar os alunos as finalidades e os objetos acondicionados no Memorial, justamente criar uma relação com a historiografia e a importância dos lugares de memória no ensino, e especificamente para entender os processos de preservação de objetos que construíram seus significados a partir do olhar de quem os observa, os problematizam, e como as narrativas são reconstruídas ao longo do tempo em torno deles e ao lugar que eles pertencem nesse mesmo tempo.

Existe no meio social uma visão muito eurocêntrica do ensino, livros didáticos que não abordam as “minorias”⁶, como base da população. Durante muitos anos houve um silenciamento desses grupos. Os museus também fazem parte desse meio, com seus acervos que contam apenas o lado dos “vencedores”⁷, do homem, branco, detentor de poder. Há discussões das lutas sociais para colocar a voz dos “marginalizados” na história, sejam as mulheres, o povo negro, os povos indígenas, os pobres etc. modificando, tirando o homem, branco europeu, como um povo superior e ressignificando a história como parte de um todo.

⁶ “[A palavra minoria se refere a] um grupo de pessoas que de algum modo e em algum setor das relações sociais se encontra numa situação de dependência ou desvantagem em relação a um outro grupo, “maioritário”, ambos integrando uma sociedade mais ampla. As minorias recebem quase sempre um tratamento discriminatório por parte da maioria.”

<https://www.politize.com.br/o-que-sao-minorias/> acesso em 20 de abril de 2021

⁷ grupos considerados superiores, no historicismo como detentores da escrita histórica, que deixa de lado os grupos marginalizados (classe social, sexual e étnicos) na historiografia.

Assim transmitimos essa diversidade para os espaços escolares, onde pessoas de diferentes grupos se reconheçam como parte da História.

Para o museu ter sentido para seus visitantes, ele precisa fazer parte da vivência de cada um, seja na cidade em que ele está inserido, e o meio que ele retrata. Precisa-se desmistificar a ideia de que no espaço só se guarda “coisas velhas”, e sim mostrar que isto vai muito além, demonstrar que lá é um lugar de memória e de conhecimento, de entretenimento e que pode trazer uma reflexão, que pode mudar o olhar de quem o visita. O homem sempre sentiu desde dos primórdios da civilização, do surgimento do mesmo na terra, uma necessidade de deixar seus rastros pra seus descendentes, para que eles pudessem se reconhecerem enquanto sujeitos que produzem história (mesmo que não tivesse consciência disso), que são sujeitos que se enxergam efetivos no mundo, essa mesma história surge como sua percussora.

Assim como a educação o patrimônio cultural é o referencial básico para o desenvolvimento das ações educativas. Os processos museais gerados ao longo dos anos contribuíram de modo efetivo para a ampliação do seu conceito, à medida que, para a sua aplicação, o patrimônio cultural é compreendido como a relação do homem com o meio, ou seja, o real na sua totalidade: material, imaterial, natural e cultural em suas dimensões de tempo e espaço (SANTOS, 2002, p. 312).

O ensino sobre patrimônio cultural deve fazer parte das práticas pedagógicas do professor, ele tem que despertar nos alunos o interesse em compreender as práticas desenvolvidas culturalmente no seu meio. O próprio professor precisa reconhecer que essas práticas nos fazem refletir como sujeitos que fazem parte de uma cultura, e é aí que entra os museus como uma ferramenta de auxílio no apoio pedagógico. Quando há a união entre escola e museu reconhecemos a importância de uma educação que incorpora o patrimônio cultural e o conceito de memória vai se estabelecendo ainda mais nessas relações.

Toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos, que investigam pra conhecer melhor, que procuram entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta algumas coisas que tenha relação com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de educação patrimonial (COSTA, WAZENKESKI, 2016, p.66).

A educação patrimonial consiste em todos os processos educativos, e permeiam todos os níveis da educação, remetem na construção coletiva dos sujeitos, e desenvolvem uma ação do conhecimento. Podemos refletir a partir de uma constituição de saberes que se formam dentro da vivência dos alunos, dos gestores e do corpo docente, cada qual remete a uma qualificação/papel sociocultural e reconhecer as especificidades de cada grupo contribui em uma melhor convivência facilitando também os processos de ensino-aprendizagem.

Estudar sobre Juazeiro envolve muitas questões importantes que se consiste pelos objetos materiais e imateriais, um lugar que carrega extensas ligações imaginárias de sagrado, onde ao mesmo tempo é lugar de avanços econômicos e políticos, também carrega seu misticismo, e suas fortes tradições religiosas, e que não dá para serem separadas, pois é desta forma que Juazeiro se concretiza.

O trabalho de construção de uma prática educativa em um museu envolve o universo cultural. Falar em cultura é sempre um desafio teórico, pois ela se compõe de ideias, e concepções, significados sempre reelaborados, ao longo do tempo e do espaço. Os significados e concepções atribuídas pelos membros do grupo e por eles partilhados se expressam concretamente, seja através das práticas sociais, do discurso, da fala, das manifestações artísticas ou, ainda, da criação de objetos (NASCIMENTO, 2005, p. 231).

Para uma melhor compreensão vamos dividir o Memorial nesta área das ações educativas em três fatores para auxiliar num entendimento mais concreto, o primeiro é um campo pedagógico de apresentação dos objetos, que é, justamente fazer uma ligação dos objetos com as metodologias aplicadas em sala de aula, desenvolvendo e unindo as capacidades cognitivas dos discentes. O segundo é, a união de um contexto histórico e ensino de História, que é relacionar o meio em que está inserida uma sociedade, sua historiografia e suas fontes, para auxiliar no ensino, trazer as vivências particulares para o seio do aprendizado, unindo o imaginário coletivo a percepções individuais. E o terceiro é desenvolver no aluno uma visão problematizadora do passado e o encaixar numa historiografia a partir da união entre os dois.

No primeiro fator apresentados aqui anteriormente, as ações educativas concentram-se em dois espaços, nas escolas e nos espaços de memória, visa a abertura de um novo olhar sobre a educação patrimonial, para que perceba o lugar como parte da vivência de um povo, que continua a ser refletido nas práticas atuais. A resignificação deste olhar sobre o patrimônio configura na abertura de conectar o ensino ao campo dos museus.

A RELAÇÃO ALUNO E LUGARES DE MEMÓRIA ENTRE PASSADO-PRESENTE.

[...] os saberes não se acumulam, não constituem um estoque que se agrega à mente, e sim há a transformação da integração, da modificação, do estabelecimento de relação e da coordenação entre esquemas de conhecimento que já possuímos, em novos vínculos e relações a cada nova aprendizagem conquistada.

Celso Antunes⁸

O aluno é o personagem principal na construção de um conhecimento histórico dentro da relação espaço de memória, ensino de História, que envolvem passado-presente. Os processos de aprendizagem no museu precisam estar dialogando com a maneira que o aluno

⁸ ANTUNES, Celso. Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender. Porto Alegre: Artmed, 2002.

enxerga esses conceitos, assim as metodologias que relacionam o ensino museológico as vivências particulares de cada indivíduo, abre espaço para uma compreensão mais completa do ser presente nos processos históricos em seu meio.

Não precisa ir muito longe para se discutir o lugar de fala de cada personagem no espaço escolar, como seres culturais desenvolvemos nossos hábitos em sociedade. Cada indivíduo carrega traços do meio em que ele vive, e isto vai se modificando ao longo de outras culturas que vão sendo apresentadas. E assim cada ser racional que compõe uma comunidade carregam elementos coletivos partilhado por todos daquele grupo. Podemos então fazer uma relação que aproxima o ser (aluno no seu individual), sua comunidade (lugar onde mora), a localidade da escola e do museu. Entendendo esses elementos fundamentais, perceberemos como os objetos que estão no museu visitado vai estar próximo das experiências vividas daquele aluno. Tudo isto parte de uma mentalidade que envolve todo o meio, embora cada mentalidade se pareça muito individual, mas abarca o coletivo daquele grupo, neste caso o ambiente escolar possui um ambiente de mentalidades.

Um dos objetos maiores da história da psicologia coletiva e constituído pelas ideias-forças e pelos conceitos essenciais que habitam o «mental coletivo» (o termo é de A. Dupront) dos homens de uma época. As ideias, apreendidas por meio da circulação das palavras que as designam, situadas nos seus enraizamentos sociais, pensadas na sua carga afetiva e emocional, tanto quanto no seu conteúdo intelectual, tornam-se assim, tal como os mitos ou os complexos de valores, uma dessas «forças coletivas pelas quais os homens vivem o seu tempo» e, portanto, uma das componentes da «psique coletiva» de uma civilização. (CHARTIER, 1988, p. 43)

Cada indivíduo de cada comunidade do seu tempo possui características nas suas experiências como ser coletivo. Trazendo para o meio escolar iremos entender que cada membro que faz parte deste meio, suas ações refletem e são influenciadas pelo tempo e pelo contexto social em que ele está inserido.

A tecnologia e a globalização acelerada modificam a forma como os alunos irão desenvolver uma consciência acerca da museologia e as experiências obtidas na sua visita, contudo, cabe ao professor tornar isto um auxílio na hora de construir suas pontes para a aprendizagem de cada aluno se tornar ainda mais ampla. O mundo contemporâneo parece querer se desvincular do seu passado, é justamente por isto que os professores de História precisam está cada vez mais atentos, mostrar que todas as relações e ações do presente são reflexos do passado. Entendendo todas essas questões, e o professor adequando essas novas tecnologias a ampliação de suas metodologias, os processos de aprendizagem serão muito mais satisfatórios, e pode ter muito mais ganhos. Os alunos tem acesso a todo tipo de informação, e

sendo assim o professor precisa estar adaptado a isto, como um ser pensante adquire conhecimentos diversos, ele está a par de toda essa acelerada tecnologia. Uma forma de correlacionar a tecnologia ao ensino de História, é justamente levar ao aluno a questionar esses processos repentinos, levando sempre em consideração que os seres humanos são indivíduos problematizadores.

Há inúmeras ferramentas que o professor pode usar como auxílio, além apenas dos livros didáticos, mesmo utilizando os livros é importante que estes conteúdos não fiquem apenas nas épocas que cada fato aconteceu, é preciso levar o aluno a problematizar questões da idade antiga, da idade média, guerras na modernidade, a escravidão, a resistência do povo negro a superioridade de civilizações entre outras. Todas essas questões dialogam com o presente, por que estão presentes na contemporaneidade.

E essencial que o professor possibilite uma mediação e que dê a liberdade para que ele possa questionar com o seu ponto de vista, o colocando como protagonista na formulação das hipóteses levantadas, desta forma o docente apenas o ajudara a compreender e assimilar conceitos que fazem parte da História.

Os questionamentos sobre o passado remetem na construção de um caminho de reflexões, as ações de povos de seus tempos e espaços, também são uma forma de entendermos nossa comunidade como agentes de um mesmo tempo e um mesmo espaços que irão ser percebidas nas comunidades futuras. O professor de História deve fazer com que seus alunos adquiriram um censo crítico a partir de abordagem do passado, para questionarem as ações do seu tempo.

A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo. Para a criança, "compreender o tempo significa libertar-se do presente" (Piaget), mas o tempo da história não é nem o do psicólogo nem o do linguista. Todavia o exame da temporalidade nestas duas ciências reforça o fato de que a oposição presente/passado não é um dado natural, mas sim uma construção. Por outro lado, a constatação de que a visão de um mesmo passado muda segundo as épocas e que o historiador está submetido ao tempo em que vive, conduziu tanto ao ceticismo sobre a possibilidade de conhecer o passado quanto a um esforço para eliminar qualquer referência ao presente (ilusão da história romântica à maneira de Michelet – "a ressurreição integral do passado" – ou da história positivista à Ranke – "aquilo que realmente aconteceu"). Com efeito, o interesse do passado está em esclarecer o presente; o passado é atingido a partir do presente (método regressivo de Bloch). (LE GOFF, 1990, p. 13-14)

Para LE GOFF (1990), o interesse pelo passado transmite uma consciência do presente, muitas ações não se perderam lá, mas ainda atuam no presente. O papel do professor se assume quando ele remete ao aluno um despertar para a memória, e os espaços que preservam a memória, servem como fundamentais para se estabelecer um pouco desse contato.

As experiências que obtive ao observar as turmas, e principalmente cada aluno que visitavam, eram entender como cada um compreendia aquelas peças e como cada uma lhe causavam mais inquietações e questionamentos. Assim, destacarei algumas peças que considero as mais relevantes diante do olhar das turmas ao qual pude observar durante o estágio na Fundação Memorial Pe. Cícero.

“Assim é o Museu, com iluminação difusa e refrigeração própria, onde poderão ser encontrados o cajado, o baú de guardar roupas e outros objetos pessoais do Padre Cícero. Assim é a Biblioteca, onde já estão expostos muitos livros escritos no Brasil e no Exterior sobre a personalidade e a ação do Padre Cícero no Nordeste.”⁹

As peças da Fundação Memorial Pe. Cícero carregam mistos significados, tanto pelas suas características, pelo seu teor historiográfico e evidentemente por algumas delas serem objetos que foram de uso pessoal do próprio padre Cícero, a exemplo disso, os baús que guardavam seus pertences, um desses baús foram usados por ele em sua viagem a Roma, viagem ao qual Padre Cícero foi com objetivo de interceder pelas suas ordens sacerdotais (suspendidas pelo bispo de Fortaleza D. Joaquim em uma portaria de 13 de abril de 1896).”O padre Cícero viajou com seu amigo João David da Silva, partindo do Recife para Gênova a 24 de fevereiro de 1898. Ia cheio de esperanças de conseguir recuperar seus direitos eclesiásticos suspensos por D. Joaquim, seu arqui-inimigo, em 1892”. (MARIZ, 2012, p. 244)

Peças como essa captam o olhar e despertam bastante curiosidade, um dos questionamentos que as turmas faziam era como eles carregavam esses baús? Não existiam malas? Como eles fechavam? Por que tiraram as ordens de Padre Cícero? As percepções de cada um vão mudando conforme suas idades, essas perguntas partiam mais das turmas do ensino fundamental, os alunos do ensino médio queriam saber, por que Padre Cícero foi a Roma? O que ele iria fazer? Ele realmente se encontrou com o Papa? Todas essas problemáticas são uma pequena porta para que o professor estimule ainda mais o lado pensante e crítico do indivíduo, pois ensinar História é exatamente fazer com que os alunos criem problemáticas acerca das coisas, onde ele mesmo possa fundamentar seus posicionamentos baseados nas suas concepções de tudo a sua volta.

Apenas em uma única peça pode-se criar vastos leques de perguntas, pesquisar sobre elas pode abrir espaço para que os próprios alunos respondam suas próprias problemáticas, é claro que o professor mediara, mas ele não pode definir o que vai ser aprendido por cada um.

⁹ Jornal Diário do Nordeste-CE, 26 de setembro de 1998

O canhão usado na sedição de Juazeiro¹⁰, que está no Memorial, é uma peça que chama muita atenção das turmas, muitos dos alunos não conhecem a história que existe por trás desse objeto, muitos relatam que já ouviram nas aulas de estudos regionais, mas ver o canhão é realmente algo muito interessante.

O governador enviara, para agir in loco, uma pessoa de sua inteira confiança, o seu próprio secretário da Justiça, Dr. Martins de Freitas. Acompanhavam-no, além de outras pessoas, algumas das figuras de maior relevo na campanha contra a situação anterior, e, por isso mesmo, dos mais dedicados apologistas da situação. Tivera-se a ideia de mandar fundir, em Fortaleza, um pequeno canhão, que agora se levava para atirar bombas de dinamite ao acampamento inimigo. Os contratemplos determinados pela condução dessa peça primitiva, do ponto terminal da estrada de ferro à zona da luta, lembram, por vezes, o do transporte do canhão de costa que se juntou à expedição de Artur Oscar, na campanha de Canudo. E não só nesse como noutros aspectos, a luta do Juazeiro semelha, no preparo militar da expedição, uma caricatura grotesca da luta do arraial do “Conselheiro” (LOURENÇO FILHO, 2002. p, 97)

Dentre essas peças, o cajado um dos últimos encontrados na casa de Padre Cícero, uma réplica do chapéu de feltro preto que era usado por ele, uma escova que pertenceu ao mestre Galdino dos santos, um dos barbeiros de Padre Cícero, o lenço que enxugou as últimas lágrimas de Padre Cícero, este lenço¹¹ pertenceu a Generosa Ferreira de Alencar¹², e foi doado pelo os seus familiares para Memorial. A aquisição do acervo em sua maioria partira de doações.

Essa relação dos alunos com os lugares de memória deve ser construída através de percepções e inquietações levantadas por eles, o professor precisa apenas estimular a imaginação e a curiosidade, destacando a importância da preservação desses lugares.

O ser humano da inúmeros significados as suas construções de passado, que vai sendo refletido nos espaços e nas coisas, os museus partem muito dessas construções, tudo é recriado e selecionado daquilo que deve ser deixado para que outras gerações compreendam aquele

¹⁰ Confronto ocorrido em 1914 entre o governo Federal e as oligarquias cearenses, envolvendo o Padre Cícero Romão Batista. Seguindo ordens do presidente eleito, os policiais estacionados no Crato prenderam alguns jagunços acusados de banditismo, todos ligados a coronéis de oposição ao político de farda. Além disso, Franco Rabelo entrou em confronto direto com Padre Cícero ao destituir homens de sua confiança de cargos públicos e acusá-lo de abrigar bandidos em Juazeiro. A resposta de Rabelo foi rápida. No dia 15 de dezembro, as tropas estaduais estacionadas no Crato, sob o comando do coronel Ladislau Lourenço, deram início às operações de invasão a Juazeiro. No dia 20, a cidade santa foi ocupada pelas tropas do governo, tendo à frente o coronel Alípio Lopes, escolhido pessoalmente por Rabelo para dar fim à sedição.

<https://atlas.fgv.br/verbetes/sedicao-de-juazeiro> acessado em 22 de abril de 2021

¹¹ Falava baixinho, quase só para si: “Meu pai, meu pai”, e assim foi diminuindo sua respiração, e entre as orações e súplicas dos presentes, deixou cair as últimas lágrimas de uma vida longa, e por vezes tormentosa, lágrimas essas que foram aparadas por um lenço de Generosa Alencar, e que hoje se encontra no acervo do Memorial Padre Cícero.

<https://cariridasantigas.com.br/as-ultimas-horas-do-padre-cicero-a-morte-do-patriarca-de-juazeiro/> acesso em 22 de abril de 2021

¹² Afilhada de Padre Cícero. Diversos autores se referem a ela como sua pupila, ela guardou muitos objetos que foram de uso pessoal de Padre Cícero.

passado. O Memorial possui significados ainda mais sensíveis, envolvem um imaginário complexo, são criações de sacralidade que se estrutura em cada objeto.

Uma das funções dos imaginários sociais consiste na organização e controlo do tempo coletivo no plano simbólico. Esses imaginários intervêm ativamente na memória coletiva, para a qual, como dissemos, os acontecimentos contam muitas vezes menos do que as representações a que dão origem e que os enquadram. Os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez, na produção de visões futuras, designadamente na projeção das angústias, esperanças e sonhos coletivos sobre o futuro. (BACZKO, BRONISLAW, 1985, p. 312)

Evidentemente isso também será refletido na percepção dos visitantes, cada um enxergara de uma maneira diferente, a exemplo disso, para os historiadores o Memorial é um centro de documentações, e um completo campo de pesquisa, para o romeiro já transmite um significado mais íntimo que o liga na sua fé, para ele tudo se configura no toque, seja numa estatua, seja numa imagem ou qualquer objeto que tenha pertencido ao patriarca, para o meio escolar não só o memorial, mais outros museus são visto como uma ponte para que os alunos compreenda um passado, que faça parte de uma história local ou não, parte também de um imaginário, tudo é atravessado, os alunos podem sim também enxergarem esses lugares distante de suas finalidades, até por que cada um tem sua própria forma de ver o mundo e as coisas a sua volta e principalmente o ambiente ao qual ele está inserido. Os alunos que nasceram na cidade de Juazeiro já trazem uma vivencia envolta em toda uma cultura e sacralidade que este lugar carrega, exatamente por isto a percepção deste indivíduo em relação ao Memorial também terá significados diversos com relações muito próximas a sua religiosidade, nesse papel constante da memória. Podemos afirmar que o olhar que cada pessoa terá será influenciado pelas suas vivencias, seu espaço e o seu lugar de memória.

Esses objetos citados anteriormente que fazem parte do acervo do Memorial Padre Cícero pode ser trabalhado dentro de sala de aula de diversas maneiras, tanto como uso de fontes, como um aprofundamento nas histórias que cada um carrega, e sua importância dentro de um campo seja historiográfico seja religioso, de significados infinitos e ao mesmo tempo muito próximos, podem ser também um auxílio na compreensão de outros fatos históricos do passado, e não precisa estar restritamente ligados a Juazeiro e a padre Cícero, podem e devem gerar diversas problemáticas, principalmente de como se constrói a religiosidade de um lugar? Como alguém pode ser santificado? Se realmente necessita que a igreja católica defina quem pode ou não ser santificado? Vemos as infinitas possibilidades de inserir esses objetos categorizando outras perguntas, a maioria das ações humanas ou praticamente todas elas são justificadas nas suas crenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A palavra que melhor define um processo de construção da aprendizagem eficiente é “interatividade”, pois dessa maneira, o professor exerce a sua habilidade de mediador das construções de aprendizagem, pois mediar é intervir para gerar mudanças por provocar o sujeito. O docente torna-se um colaborador e exerce a criatividade do seu papel de coautor do processo de aprender dos alunos”.

Alessandra Ferreira Beker Daher¹³

Compreendemos aqui a necessidade de um ensino amplo, um ensino que perpassa os muros escolares, entendemos a importância de diversos espaços que podem ser utilizados como ferramentas no processo de aprendizagem. Dentre esses inúmeros espaços buscamos destacar os espaços museológicos, espaços esses que possuem uma gama extensa de conhecimento, que podem ser usados em diversas áreas de conhecimento. Os museus são espaços capazes de modificar a nossa visão de tempo e lugar, ele reflete um passado permeado de amplos modos de pensamento que podem ser despertados nos seus visitantes, entre eles os alunos. O ensino de história os tem como aliados e são capazes de refletir questões problematizadoras em cada indivíduo, despertando o interesse pelo passado e criando sua própria ideia desse mesmo passado que não se mantém sólido e imutável.

As vivências de cada indivíduo se estabelece nas suas ações de um passado reconstruído e selecionado. O papel do professor é justamente construir uma ponte que crie relações com essas experiências de um passado refletido nos seus alunos.

É o aluno o responsável final pela sua aprendizagem ao atribuir significado aos conteúdos, no entanto, é o professor que determina as atividades que os alunos devem desenvolver, possibilitando uma orientação adequada ao processo de construção do conhecimento. Sendo assim, fica evidenciado que o potencial de aprendizagem de um aluno constitui-se da soma da capacidade cerebral de processar as informações, com a capacidade de interação com o meio onde se está inserido em um processo intermediado pela ação pedagógica do professor. (DAHER, 2007, p.5).

O professor precisa estar sempre atento ao seu papel de construir possibilidades para que seu aluno se sinta atraído a pesquisar e a questionar tudo a sua volta. Cada ser carrega em si uma mente problematizadora, e é diante disso que o professor vai permitindo que esse lado crítico seja incentivado.

Trabalhar com as ações educativas dos museus é muito importante para a construção de conteúdos em sala de aula, mostrando para o aluno variadas formas de trabalhar com as fontes,

¹³ Professora especialista em Educação Ambiental e técnica da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande-MS.

DAHER, Alessandra Ferreira Beker. Aluno e professor: protagonista do processo de aprendizagem.2007. Artigo publicado pelo site. www.campogrande.ms.gov.br.

extraindo uma curiosidade em conhecer uma época anterior, a história se torna aberta, satisfatória e próxima do aluno, ele pode ver com seu olhar vivências não comuns em seu tempo atual e questionar particularidades ainda existentes em seu meio, e em sua cidade. Trazer o museu para a sala de aula, fazem com que o aluno produza seus próprios conceitos de passado e instiga sua análise do presente. É importante que o professor deixe o aluno livre para produzir e pôr em prática seu olhar o tornando um ser social pensante e problematizador.

A fundação memorial padre Cicero é uma instituição que desenvolve um papel muito importante em Juazeiro do Norte, sua finalidade em preservar uma memória que faz parte de uma vivencia, de uma cultura e da historiografia de um povo. Constrói relações muito mais profundas com quem visita à cidade. Além de ser um lugar que guarda, organiza e preserva um acervo raro, ainda consegue contribuir na construção de um passado, um passado que vai se reestabelecendo e se adequando com o passar dos anos, além de possuir obras raras em sua biblioteca, e ainda realizar diversos eventos.

“Para isso, o Memorial construído em condições de permitir a realização de seminários, simpósios e congressos. Isto é, além de apresentar um Museu, onde ficarão expostos os objetos pessoais do Padre Cícero, e uma Biblioteca, que já conta com cerca de 200 livros de autores brasileiros e do Exterior, sobre a vida e a obra do fundador de Juazeiro, o Memorial oferece também um Centro de Convenções com modernas instalações para a realização de eventos culturais e científicos”¹⁴

Por fim, o ensino de História nos espaços de museu se configura numa relação muito ampla e norteadora nos processos de construção de uma memória problematizadora capaz de recriar vivencias e principalmente aproxima-las, esse processo de aprendizagem vai se estabelecendo através das ligações entre professor, neste sentido o da disciplina de História com seu aluno, assim, o aluno vai se vendo como agente principal nesses processos.

¹⁴ Jornal Diário do Nordeste-CE, 26 de abril de 1998

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACZKO, Bronislaw. “**A imaginação social**” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BELLOTTO, H. L. CAMARGO, A. M. A. (org.). **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: associação dos arquivistas brasileiros/secretaria de Estado da Cultura, 1996.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Mara Manuela Galhardo. Portugal: difel. 2002.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 5° ed.- São Paulo: Estação Liberdade: UNESCO, 2006.

DAHER, Alessandra Ferreira Beker. **Aluno e professor: protagonista do processo de aprendizagem**, 2007. Artigo publicado pelo site. www.campogrande.ms.gov.br

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2001.

_____. NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2001.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Juazeiro do Padre Cícero** (obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927) / Manoel Bergström Lourenço Filho – 4. ed. aum. Brasília: MEC/Inep, 2002. 178 p. (Coleção Lourenço Filho, ISSN 1519-3225; 5)

MARIZ, Vasco. **A viagem a Roma do Padre Cícero**. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 173(454): 237-256, jan./mar. 2012

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. **O desafio de construção de uma nova prática para os museus**. In: FIGUEIRREDO, Betânia G; VIDAL, Diana G. (orgs,) *museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do padre Cícero**. Fortaleza: imprensa universitária, 2014.

_____. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica.** Brasília: Editora da UnB, 2001a.

_____. **What is historical consciousness? – A theoretical approach to empirical evidence.** In: Canadian Historical Consciousness in an International Context: Theoretical Frameworks, 2001b. Vancouver: University of British Columbia.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Museu e educação: conceito e métodos in:** Cienkt, Porto Alegre, n. 31, jan/jun, 2002.

<https://atlas.fgv.br/verbetes/sedicao-de-juazeiro> acessado em 22 de abril de 2021

<https://cariridasantigas.com.br/as-ultimas-horas-do-padre-cicero-a-morte-do-patriarca-de-juazeiro/> acesso em 22 de abril de 2021

<https://www.politize.com.br/o-que-sao-minorias/> acesso em 20 de abril de 2021

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> acesso em 14 de abril de 2021

JORNAIS

Jornal 24 de Março/CE

Diário de Pernambuco/PE

Jornal Diário do Nordeste/CE

Memorial Pe. Cícero, pe CRB, Rj, p, 183 doc. 1829

ANEXOS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Memorial Pe. Cícero.....	25
Figura 2 – Processo de construção do Memorial Pe. Cícero.....	25
Figura 3 – Obra ainda em andamento.....	26
Figura 4 – Registro fotográfico ao qual estão presentes as três esferas do poder executivo do Brasil na solenidade de inauguração do Memorial em 22 de julho de 1988.....	26

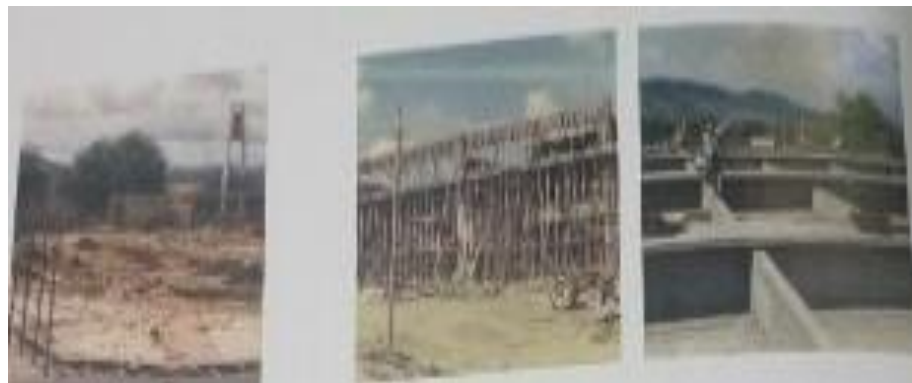
Figura 5 – Presidente Sarney, o Governador Tasso Jereissati e o Prefeito de Juazeiro Manoel Salviano inaugurando o Memorial.....	27
Figura 6– Lenço que enxugou as últimas lágrimas de Padre Cícero.....	27
Figura 7 – Baú que guardou os pertences de Padre Cícero em sua viagem a Roma.....	28
Figura 8– Cajado, chapéu de feltro preto e escova.....	28
Figura 9 – Interior do Memorial Padre Cicero após reforma em 2019.....	29
Figura 10– Interior do Memorial antes da reforma de 2019.....	29
Figura 11– Canhão usado na sedição de Juazeiro em 1914.....	30
Figura 12 – Registro fotográfico do Memorial em 1988 antes de sua inauguração.....	30

Figura 1- Memorial Pe. Cícero



Fonte: O autor, (2019)

Figura 2- processo de construção do Memorial Pe. Cícero



Fonte: livro Memorial Padre Cícero e outras histórias (2018)

Figura 3- Obra ainda em andamento



Fonte: Livro Memorial Padre Cícero e outras histórias (2018)

Figura 4- Registro fotográfico ao qual estão presentes as três esferas do poder executivo do Brasil na solenidade de inauguração do Memorial em 22 de julho de 1988



Fonte: Jornal Tribuna do Ceará (1988)

Figura 5- Presidente Sarney, o Governador Tasso Jereissati e o Prefeito de Juazeiro Manoel Salviano inaugurando o Memorial



Fonte: Jornal Tribuna do Ceará, (1988)

Figura 6- Lenço que enxugou as últimas lágrimas de Padre Cícero



Fonte: O autor, (2019)

Figura 7- Baú que guardou os pertences de Padre Cícero em sua viagem a Roma



Fonte: O autor (2018)

Figura 8- Cajado, chapéu de feltro preto e escova



Fonte: O autor, (2019)

Figura 9- Interior do Memorial Padre Cicero após reforma em 2019



Fonte: O autor, (2018)

Figura 10- Interior do Memorial antes da reforma de 2019



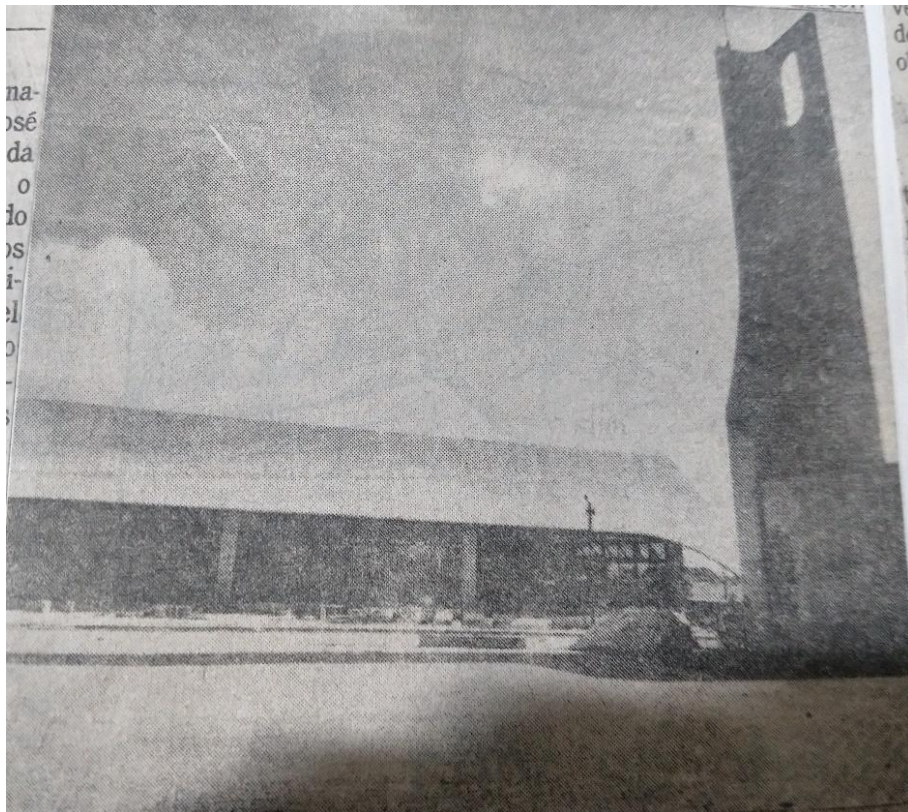
Fonte: O autor, (2019)

Figura 11- Canhão usado na sedição de Juazeiro em 1914



Fonte: O autor, (2019)

Figura 12– Registro fotográfico do Memorial em 1988 antes de sua inauguração



Fonte: Jornal O POVO, (1988)